

SERVIÇO DO PROF. CELESTINO BOURROUL

CASO AUTÓCTONE DE MALÁRIA EM SÃO PAULO (CAPITAL)

DR. GASTÃO ROSENFELD DR. HERSHEL SCHECHTMANN
Chefe do Laboratório

Ha cinco anos observámos o caso que ora apresentamos. Publicamo-lo sómente agora, pois não tinhamos, naquela ocasião conhecimento do alcance do assunto.

O interesse do caso consiste em ser São Paulo tida por muitos como cidade com anofelismo sem malária.

O anofelismo em São Paulo já está bem comprovado, pois, nos arredores da cidade já foram encontradas varias especies de anofelíneos transmissores da malária, tendo mesmo GALVÃO & LANE (1937) e GALVÃO (1938) infetado experimentalmente com *Plasmodium vivax* alguns exemplares de *Anopheles albitarsis* e *Anopheles strodei* capturados num dos bairros da Capital. VARGAS (1939) já emitiu a opinião de que os arredores de S. Paulo não eram propriamente zona de anofelismo sem malária como provavam os casos esporadicos de malária, observados.

A ausencia de malária autóctone em São Paulo, apesar da existencia de anofelíneos transmissores da molestia, é curiosa por dois fatos: em primeiro lugar o de existir na Capital numerosos maleitosos que vêm em busca de tratamento ou que nela residindo adoeceram em outras zonas do Estado; em segundo lugar o de ser essa cidade contigua á de Santo Amaro (atualmente incorporada ao municipio de São Paulo), onde a malária é endemica. GALVÃO (1940) fez referencia ao surto de malária que atingiu os arredores desta ultima localidade nesse ano. Em 1941 Santo Amaro foi duramente atingida pelo surto de recrudescimento da moléstia, do mesmo modo que todo o Estado, tendo um de nós (Rosenfeld) comprovado nesses dois ultimos anos numerosos casos de malária (*Plasmodium vivax* e *falciparum*) provenientes dessa localidade e arredores. Muito recentemente GALVÃO e GRIECO (1941) comunicaram o achado do *A. darlingi* encontrado naturalmente infectado nessa zona, e dado identico foi comunicado por FONSECA & BRAGANÇA & COVELLI & ZWICKER (1941).

A razão de ser desse privilegio da cidade de São Paulo é desconhecida e é assunto fora de nosso alcance. Com a apresentação

(*) Comunicação feita a secção de Higiene, Molestias Tropicaes e Infeciosas da Associação Paulista de Medicina em 4-10-1941.

de um caso de malária certamente autóctone queremos contribuir para a documentação de futuros estudos que se proponham resolver o assunto.

Já foram publicados alguns casos (considerando sómente a cidade de São Paulo), muito provavelmente autóctones, mas a todos eles foi feita a critica de deixar uma duvida, pois, tratava-se de individuos que haviam estado anteriormente em zonas onde a malária é endêmica. Faremos uma breve revisão desses casos: os dois primeiros tinham *Plasmodium vivax* e o ultimo *Plasmodium falciparum* (esquizontes).

O primeiro desses casos foi o de PRADO & GODINHO (1935). Tratava-se de um individuo que ao adoecer residia numa olaria á margem do rio Pirajussára, no bairro de Butantan. Dezoito mezes antes estivera em Marília e Torrinhã, onde ha malária.

O segundo caso citado por VARGAS (1939) era o de um operario que adoeceu no bairro de Pinheiros.

O terceiro caso, relatado por MELLO (1941), é o de um individuo que nesse ano adoeceu em plena época malarígena, no bairro da Villa Clementino. Um ano antes estivera em Santos mas ficára num bairro em que casos de malária são excepcionais (Praia do Gonzaga).

CASO

A. S. — 38 anos, polonesa, tendo vindo ao Brasil em 1930. Era enfermeira na Polonia e aqui é costureira.

Aos 10 anos teve escarlatina sem complicações. Trabalhou como enfermeira em hospitais, durante a epidemia de tifo exantemático na Polonia em 1917, onde, contraíu a molestia tendo tido complicações pulmonares (pneumonia) (sic). Nunca teve febre suspeita de malária nem molestia febril de diagnostico duvidoso. Natural de Varsovia, sempre residiu lá, região indene de malária.

Desde que chegou ao Brasil, reside no bairro do Bom Retiro, nunca tendo se afastado da Capital, nem mesmo a passeio. Ao ficar doente residia á rua Conego Martins, junto á linha da Estrada de Ferro Sorocabana e da São Paulo Railway e a 800 metros em linha reta da varzea das margens do rio Tieté.

Em Abril de 1936 adoeceu com acessos febris atingindo 40°, cada dois dias, precedidos de calafrios, acompanhados de cefaléa e vomitos intensos, o baço não era palpavel e emagreceu 8 quilos em 15 dias.

Apesar do quadro clinico não foi lembrada a hipotese de malária devido ao fato da doente não ter saído da Capital.

Foi feita hemocultura e pesquisa de púz na urina, sendo negativos ambos os exames. Ao ser feito o hemograma em 13/4/1936, foram encontrados numerosos esquizontes de *Plasmodium vivax*.

Foi feito tratamento com quinina e azul de metileno (Paludan), ficando clinicamente curada.

Em Outubro do mesmo ano, 6 meses depois, recidiva da molestia com esplenomegalia, revelando o exame, em 29/10/1936, numerosos esquizontes e raras formas amiboides de *Plasmodium vivax*.

Tratada com Plasmokino, azul de metileno por via endovenosa e radioterapia (4 applicações) sobre o baço, a conselho de outro clinico, ficou curada não tendo tido nada mais até a presente data (Julho de 1941).

COMENTARIOS

Não ha duvida que o caso ora relatado contraíu a malária nesta Capital. Cabem duas hipoteses quanto ao modo da infecção; ou a doente foi picada por mosquito infectado que veio num trem ou, o anofele provinha da varzea do rio Tiété. A primeira hipotese nos parece a mais provavel pois a residencia distava cerca de 200 metros da estrada de ferro pela qual trafegavam trens que vinham de regiões paludosas. A segunda hipotese si bem que menos provavel é accetavel pois anofelineos das margens do Tiété, podem ter se infectado em doente vindo de alguma zona do Estado afim de se tratar na Capital.

RESUMO

Os A. A., depois de alguns comentarios sobre o assumpto, fazem um breve resumo dos tres casos anteriormente publicados e apresentam o caso de uma doente que nunca tendo estado em região paludosa contraíu a malária (*Plasmodium vivax*) na Capital de São Paulo.

BIBLIOGRAFIA

- FONSECA, F. DA & BRAGANÇA, U. & COVELLI, E. & ZWICKER, R. — 1941 — Verificação da infecção natural do *A. darlingi* no municipio de S. Paulo, Comunicação á sessão de Higiene, Molestias Tropicais e Infeciosas da Associação Paulista de Medicina em 15, Julho, 1941.
- GALVÃO, A. L. AYROZA & LANE, J. — 1937 — Notas sobre os *Nyssorhyncus* de São Paulo. IV: Sobre a infecção experimental do *Anopheles albittarsis* e *A. strodei* da cidade de S. Paulo, pelo *Plasmodium vivax*. Fol. clin. biol. 9(3):65-69, jun.
- GALVÃO, A. L. AYROZA — 1938 — Sobre a infecção experimental do *Anopheles strodei* pelo *Plasmodium vivax*, Rev. biol. hyg. 9(2):133-134, dez.
- GALVÃO, A. L. AYROZA — 1940 — O surto de malaria nas proximidades da represa do Rio Grande nas imediações da cidade de São Paulo e o *Anopheles darlingi* Root, 1926, Rev. biol. hyg. 10(2):164-169, jun.
- GALVÃO, A. L. AYROZA & GRIECO, F. — 1941 — Infecção natural do *Anopheles (M.) darlingi* pelos parasitas da malaria, nos arredores de S. Paulo, Comunicação á secção de Higiene, Molestias Tropicais e Infeciosas da Associação Paulista de Medicina em 4, Junho, 1941.
- MELLO, H. K. DE — 1941 — Sobre um caso de malaria observado na Capital de S. Paulo, Rev. clin. de S. Paulo, 9(5):168-169, maio.
- PRADO, A. & GODINHO, R. — 1935 — Provavel caso autoctone de impaludismo registado em São Paulo, Ann. paul. med. cir. 29(4):295-297.
- VARGAS, A. — 1939 — Alguns aspectos epidemiologicos da malaria no planalto de São Paulo, Ann. paul. med. cir. 38(6):445-453.

INSTITUTO DE FISIOTERAPIA VITOFLEX

O MAIS MODERNO DE SÃO PAULO

Diretor clinico:

Dr. Manoel I. Romeiro

DIRETOR TECNICO

Dr. Albert Kestenber

da Faculdade de Medicina de Paris

CORRENTES DE BAIXA FREQUENCIA VITOFLEX

ONDAS CURTAS — DIATERMIA

FEBRE ARTIFICIAL — RAIOS ULTRA-VIOLETAS

BANHO INTESTINAL ASPIRATIVO

RAIOS INFRA-VERMELHOS

CORRENTE GALVAN. E FARAD. — IONISAÇÃO

TELEFONE 4 - 7286

DAS 2 ÀS 6 E
HORA MARCADA

RUA XAVIER DE TOLEDO, 98 — 4.º and. - sala 46

SÃO PAULO